

As pandemias e endemias na história da humanidade: balanço histográfico

Pandemics and endemics in human history: a histographic review

Catoco Sozinho¹

Universidade de Évora. Portugal.

*Autor para correspondência: d43688@alunos.uevora.pt

RESUMO

Actualmente estamos a viver, a nível mundial, um momento histórico, na consequência da Pandemia do Covid -19, um dos sete coronavírus humanos. O vírus causador da Covid-19 já infectou mais de 30 milhões de pessoas em todos países, com milhares de casos mortais. O cenário é semelhante ao que já aconteceu em outros momentos da humanidade, em que doenças se espalharam pelo mundo e causaram estragos. As Pandemias acompanham a humanidade desde o início da sua existência e registos claros de ocorrências epidémicas remontam a Aristóteles 400 anos A.c. Este estudo tem como objectivo principal, analisar a incidência e o impacto causado pelas Pandemias que assolaram o mundo desde a idade antiga até aos nossos dias, trazendo um enfoque sobre as consequências causadas ao homem que soube adapta-se através de medidas de carácter preventivo médicos e sociais, comparando aquelas que sob ponto de vista historiográfico a que vivemos hoje.

Palabras clave: Pandemia; História; Doença; Humanidade; Covid-19

ABSTRACT

We are currently experiencing a historical moment in the world because of the Pandemic of Covid-19, one of the seven human coronaviruses. The virus causing Covid-19 has already infected over 30 million people in all countries, with thousands of fatalities. The scenario is like what has happened at other times in mankind, when diseases have spread around the world and caused havoc. Pandemic diseases have accompanied humanity since the beginning of its existence and clear records of epidemic occurrences date back to Aristotle 400 years A.C. This study has as its main objective, to analyse the incidence and the impact caused by the Pandemic diseases that have devastated the world since ancient times up to the present day, bringing a focus on the consequences caused to mankind that has been able to adapt itself through medical and social preventive measures, comparing those that under the point of historiography we live today.

Keywords: Pandemic; History; Disease; Humanity; Covid-19.

¹ Doutorando em História Contemporânea – Universidade de Évora; Mestre em Governação pública – FDUAN, Luanda; Licenciado em Psicologia. ISCED, Luanda.

INTRODUÇÃO

Os primeiros casos da Covi-19 foram divulgados no último dia do mês de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, capital e maior cidade da província de Hubei, na República Popular da China. Foi de início considerado um surto, isto é, quando ocorre um aumento de casos de doença numa área definida ou num grupo específico de pessoas, num determinado período. Passado um mês, em 30 de janeiro deste ano a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que, este surto, *constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional*. Embora a COVID-19 já se tivesse difundido em cinco continentes, a OMS só a considerou como Pandemia no dia 11 de março de 2020.

Ao longo da sua existência, o homem sempre conviveu com doenças que às vezes tomam formas pandémicas endémicas e epidémicas (TOLEDO JÚNIOR 2006). Grandes epidemias, moldaram a história da humanidade, destacando-se entre elas a peste negra, os surtos de cólera, a tuberculose (também denominada de peste branca) e a febre amarela. Hoje, mesmo com a melhoria das condições socio-econômicas da população e o advento de vacinas e medicamentos antimicrobianos ao longo do século XX, as doenças infecciosas são responsáveis anualmente por cerca de 10 milhões de óbitos no mundo e estão entre as principais causas de anos de vida perdidos (OMS, 2008)².

Desde janeiro de 2020, a crescente proliferação do novo Coronavírus transformou-se em um dos maiores desafios da humanidade. Entretanto, lidar com uma pandemia infecciosa de proporções continentais e mundiais não é algo recente na história. Surtos de doenças repetem-se pelos séculos com algumas semelhanças tanto na forma de propagação quanto de contenção destas doenças. Dessa maneira, podemos equiparar esta pandemia com outras que ocorreram anteriormente e criar alguns paralelos entre os casos.

A crise lançada pela pandemia do coronavírus levantou questionamentos ao redor de todo o mundo acerca do tipo de sociedade que está sendo construída e como será o futuro da humanidade. O que propomos é uma aproximação das questões da historiografia com as problemáticas das Pandemias, com base no facto de que ambos os campos são ameaçados pelo negacionismo, no crítico momento em que as distinções entre o tempo histórico e geológico estão em um vertiginoso processo de sobreposição. Teremos assim um enquadramento teórico para dar uma maior aproximação e compreensão daquilo que está em análise, uma resenha bibliográfica das pandemias ao longo da história da humanidade, finalizando com considerações finais.

DESENVOLVIMENTO

Enquadramento Teórico Das Pandemias

De acordo com Barata (2008)³, “a questão das Pandemias, esta presente desde o início da história do Homem. Ao longo do tempo, a interpretação do conceito sofreu diversas alterações para as diversas práticas de controle desenvolvidas em resposta ao fenómeno”. Através de diversas citações extraídas de pensadores, cientistas e historiadores de diferentes épocas, buscamos retratar essas alterações históricas.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, Pandemia é um termo usado para uma determinada doença que rapidamente se espalha por diversas partes de diversas regiões (continental ou mundial) através de uma contaminação sustentada. Neste quesito, a gravidade da doença não é determinante e sim o seu poder de contágio e sua proliferação geográfica. “Pandemia não é uma palavra para ser usada à toa ou sem cuidado. É uma palavra que, se usada incorretamente, pode causar um medo irracional ou uma noção injustificada de que a luta terminou, o que leva a sofrimento e mortes desnecessários”, afirmou Tedros Adhanom Ghebreyesus, director-geral da OMS, durante a proliferação da Covid-19 em março de 2020. É preciso destacar que Pandemia tem conceito diferente de Endemia e Epidemia. No caso das Endemias, classificam-se doenças que se encontram em uma determinada zona de maneira permanente durante anos e anos. Já as epidemias são classificadas quando existe o aumento de casos até um máximo de infecções e depois uma diminuição dos mesmos. Os dois se diferem da pandemia, que a grosso modo ocorre em todo um continente ou em todo o mundo ao mesmo tempo”.

² Relatório da organização mundial da Saúde (OMS) referente ao ano 2008

³ Do departamento de Medicina Social da Faculdade de Ciências Medicas da Santa Casa de São Paulo.

A Pandemia que presenciamos demonstra que a ciência existe como um pilar fundamental da civilização contemporânea. A ciência não é apenas central no presente, mas também para o futuro. Sem ciência, em poucas palavras, não parece haver futuro. Apenas catástrofes. É isso que a COVID-19 tem a dizer para os historiadores.

Para Ujvari (2003), “a disseminação das doenças é favorecida por uma série de fatores, sendo a primeira a globalização, que tornou várias regiões e países mais próximos do que nunca, como a criação de uma nova rota de comércio, o aparecimento dos conglomerados urbanos, a falta de saneamento, o surgimento da agricultura e as migrações e movimentações em busca de novos conhecimentos. O homem é responsável pelo surgimento e disseminação de agentes infecciosos”.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), ao decretar a pandemia em março de 2020, acelerou a “compreensão do neoliberalismo em seus mecanismos perversos sobre corpos concretos” e “confirma o controle capitalista totalitário sobre a vida”, pois o “neoliberalismo mostrou que convive perfeitamente com máquinas de morte, mesmo que o vírus, não discrimina as classes sociais. (Gago & Cavallero, 2020).

Mesmo sendo a quarentena humana uma medida de saúde pública destinada a conter surtos pandêmicos, ou a evitar que um determinado agente infeccioso atinja um território ou grupo social, a mesma foi sistematicamente acarretada por restrições e oposições de pensamentos liberais e neoliberais como se pode constatar hoje em varias partes do mundo (Cetron & Landwirth 2005). Esta medida ocorre desde tempos imemoriais, antes mesmo da descoberta dos micróbios, do ciclo das doenças e dos modos de transmissão de patógenos. Todavia, e no que tange às evidências científicas, há evidências sólidas e consistentes que os indivíduos quarentenados sofrem consideráveis prejuízos morais, legais e financeiros. A quarentena persiste no ordenamento jurídico mundial como manifestação do bio poder e como embrião de um Estado de Excepção.

Como é evidente, sendo a saúde um direito de todos, tomando o Estado o dever de a garantir mediante políticas sociais e económicas que visem à redução do risco de doenças, Assim, uma de suas acções implica o controle de fronteiras, na forma de vigilância constante do fluxo de entrada e saída de pessoas do país, tendo em vista o iminente risco pandémico, potencializado pelos meios de transporte cada vez mais velozes em diferentes partes do planeta (Jewell, 1985).

No final dos anos 60 e início da década de 70 do século XX, a noção de contenção é substituída pela "Vigilância Epidemiológica" em vigor até aos dias de hoje, que pressupõe o alerta constante e o desencadeamento de acções de controle imediatas a fim de circunscrever o problema em sua fase inicial (BREILH, Jaime 1980). As sucessivas alterações da estrutura social, principalmente nos países não desenvolvidos, na conjuntura de crise dos anos 70 propiciaram a reinstalação de muitos problemas cujo controle era tido como satisfatório. Nessa condição incluímos as recentes epidemias de malária, febre amarela e dengue, que vêm acometendo vários países da América Latina e África.

A Peste Negra, pandemia de peste bubónica, do século XIV, provocou grande impacto na população dos países europeus. As medidas profiláticas recomendadas pela Faculdade de Paris, em 1348, compreendiam a fumigação dos domicílios com incenso de flores de camomila bem como as praças e lugares públicos. As pessoas deveriam abster-se de comer galinha ou carnes gordas e azeite. Não deveriam dormir após a aurora, os banhos eram considerados perigosos e as relações sexuais, fatais. O quarto dos doentes deveria ser lavado com vinagre e água de rosas (Castiglione, 1947).

Apesar do conhecimento existente a respeito do contágio, derivado das observações empíricas, ser relativamente bom, o desconhecimento sobre os mecanismos da doença e sobre as medidas terapêuticas levava à adopção de práticas absolutamente ineficazes revestidas apenas de valor ritual (Foucault, 1977).

Pandemias na História

Entretanto, relatos históricos de pandemias vão além do século XX e já preocupam a humanidade há dois mil anos. Tem crescido o número de surtos de vírus, proliferando assim as doenças que assolam todo o mundo.

A peste de Atenas

Ocorreu em 428 a.C. e foi narrada por Tucídides, em seu livro História da Guerra do Peloponeso⁴. A disputa pela hegemonia na Grécia da segunda metade do século V a.C. foi a principal

⁴ O relato de Tucídides é o único de quem presenciou (e no caso dele, se contaminou) a epidemia em Atenas. Entre os autores clássicos, somente Platão (Banquete, 201d) alude ao acontecimento. Lucrécio (De rerum natura,

razão da guerra entre a liga comandada pelos atenienses e a coalização capitaneada pelos espartanos; guerra que se estendeu de 431 a 404, com um armistício de sete anos precariamente respeitado. O segundo ano do conflito foi particularmente penoso para Atenas. Densamente povoada com a presença de refugiados dos campos em decorrência da invasão dos peloponésios, a cidade viu irromper em 430, com uma segunda onda em 427, uma epidemia que dizimaria cerca de um terço de sua população, afligindo todo o resto. Esse acontecimento tornou-se bem conhecido pela posteridade graças ao testemunho que dele Tucídides apresenta em sua história da guerra⁵.

Peste de Siracusa

Ocorreu no ano 396 a.C., quando o exército cartaginês sitiou Siracusa, na Itália. A doença surgiu entre os soldados, espalhando-se rapidamente entre eles, e dizimou o exército. Manifestava-se inicialmente com sintomas respiratórios, febre, tumefação do pescoço, dores nas costas. A seguir sobrevinham disenteria e erupção pustulosa em toda a superfície do corpo e, por vezes, delírio. Os soldados morriam ao fim do quarto ao sexto dia, com delírio e sofrimentos atrozes. O Império Romano foi o grande beneficiário dessa epidemia, vencendo facilmente os invasores (Lopes, 1969).

Peste Antonina

Assim chamada por ter surgido no século II d.C., quando o imperador Marco Aurélio, da linhagem dos Antoninos, dirigia o Império Romano. Causou grande devastação à cidade de Roma em 166 d.C., estendeu-se por toda a Itália e, após um declínio temporário, recrudescceu em 189 d.C. Foi contemporânea de Galeno, que assim descreveu os sintomas apresentados pelos doentes: (Cartwright, 1991, p. 13)

A Peste do Século III

Oriunda do Egito, rapidamente se espalhou à Grécia, norte da África e Itália nos anos de 251 a 266 d.C., devastando o Império Romano. São Cipriano, bispo de Cartago, deixou a seguinte descrição da doença: Iniciava-se por um fluxo de ventre que esgotava as forças. Os doentes queixavam-se de intolerável calor interno. Logo se declarava angina dolorosa; vômitos se acompanhavam de dores nas entranhas; os olhos injetados de sangue. Em muitos doentes, os pés ou outras partes atingidas pela gangrena, destacavam-se espontaneamente. Alquebrados, os infelizes eram tomados de um estado de fraqueza que lhes tornava a marcha vacilante. Uns perdiam a audição, e outros a visão. Em Roma e em certas cidades da Grécia, morriam até cinco mil pessoas por dia (Lopes, op. cit., p. 165).

Peste de Justiniano

Um dos primeiros casos de Pandemia registados é a Peste de Justiniano, ocorrida por volta de 541 d.C. e que se iniciou no Egito até chegar à capital do Império Bizantino ao tempo do imperador Justiniano. Provocada pela peste bubônica, transmitida através de pulgas em ratos contaminados, a enfermidade matou entre 500 mil a 1 milhão de pessoas apenas em Constantinopla, espalhando por Síria, Turquia, Pérsia (Irã) e parte da Europa. Estima-se que a pandemia tenha durado mais de 200 anos.

Espalhou-se pelos países asiáticos e europeus, porém não teve a importância da grande epidemia do século XIV. Ao atingir Constantinopla, capital do Império (hoje Istambul), no ano de 542, chegou a causar cerca de dez mil mortes por dia. O pouco que se sabe sobre esta peste se deve ao relato de Procópio, um arquivista do Império: (Zinsser, 1996, pp. 146-147).

Peste Negra (Peste Bubônica)

Em 1343, a peste bubônica foi mais uma vez a causa de outra pandemia que assolou em sua totalidade os continentes asiático e europeu. A Peste Negra, pandemia de peste bubônica, do século XIV,

VI, 1138-1286) emula Tucídides fazendo como que uma tradução direta de seções da descrição da peste para o latim.

⁵ A primeira onda durou dois anos, 430-429. Após o intervalo de uns dezoito meses, a segunda onda veio com força. Essa recrudescência é noticiada no livro III, capítulo 87, que fornece as cifras de baixas causadas pela doença no exército em quatro mil e quatrocentos hoplitas e trezentos soldados de cavalaria, números utilizados pelos especialistas para estimarem a quantidade total de mortos em mais que um quarto da população. Por essa mesma época, informa ainda Tucídides, outro desastre natural foram os abalos sísmicos ocorridos em Atenas, na Eubeia e na Beócia. A narrativa da peste segue-se imediatamente ao relato da oração fúnebre de Péricles. Existe presumivelmente uma moral por trás do arranjo e da justaposição destas passagens; enquanto a oração fúnebre glorifica a cidade civilizada de Atenas, os capítulos sobre a epidemia mostram como a civilização se esvai facilmente quando os tempos são difíceis. (Woodruff, Thucydides. *On Justice, Power, and Human Nature*)

provocou grande impacto na população dos países europeus. As citações seguintes demonstram as concepções a cerca dessa epidemia e as práticas preventivas e terapêuticas da época. Com seu auge até ao ano de 1353, a Peste ainda apareceu de forma intermitente até o começo do século XIX e matou entre 15 e 100 milhões de pessoas. Esta foi a maior, a mais trágica Pandemia que a história regista, tendo produzido um morticínio sem paralelo. Foi chamada Peste Negra pelas manchas escuras que apareciam na pele dos enfermos. Como em outras epidemias, teve início na Ásia Central, espalhando-se por via terrestre e marítima em todas as direcções. Em 1334 causou cinco milhões de mortes na Mongólia e no norte da China.

Houve grande mortandade na Mesopotâmia e na Síria, cujas estradas ficaram juncadas de cadáveres dos que fugiam das cidades. No Cairo os mortos eram atirados em valas comuns e em Alexandria os cadáveres ficaram insepultos. Calcula-se em 24 milhões o número de mortos nos países do Oriente (Lopes, op. cit, p. 172). A Falta de Higiene e saneamento dificultou em grande a contenção da doença.

Gripe Russa

Já em 1580, existem relatos da primeira pandemia de gripe, que se espalhou por Ásia, Europa, África e América. Em 1889 a Gripe Russa, foi a primeira a ser documentada com detalhes, com proliferação inicial de duas semanas sobre o Império Russo e espalhou-se em toda a Europa, médio oriente e Ásia. Ao todo, 1 milhão de pessoas morreram por conta de um subtipo da Gripe A.

Gripe Espanhola

Em 1918, a Gripe Espanhola, uma Pandemia de gripe de cariz extremamente maligno, que ceifou mais de quarenta milhões de pessoas, e até possivelmente 100 milhões de pessoas, afectando não só idosos e pacientes com sistema imunológico debilitado como também jovens e adultos. Com possível origem nos Estados Unidos, essa enfermidade quase dizimou as populações indígenas inteiras. Essa Pandemia, é uma das maiores que a humanidade conheceu, porque teve uma taxa de fatalidade na ordem de 6% tendo infetado 27% da população mundial, ou seja, um quarto no total de pessoas naquela altura (Andrade & Helena 1996).

O mundo em 1918: a Grande Guerra O ano de 1918 foi um dos mais trágicos na história da humanidade. A guerra durava já há 4 anos e milhões de homens tinham sido mortos ou feridos nas várias frentes, em batalhas inúteis em que chefes militares incompetentes sacrificavam milhares de homens sem a mínima preocupação pela vida dos seus soldados. Em África lutava-se nas colónias alemãs e portuguesas, mas as perdas eram infinitamente menores

Varíola

Assolou a Humanidade por muito tempo. A historiografia indica que o Faraó Ramses II) teria sido acometido por essa doença. Essa doença foi erradicada no planeta terra em (1980), graças as campanhas de vacinação que iniciaram em 1896. (vacina descoberta em 1796 por Edward Jener). O risco de morte por contrair a doença era de 30%. A varíola acompanhou o homem por muitos séculos, causando mortes e lesões graves e irreversíveis. Usada como arma biológica em situações de guerra, volta a ser tema de discussão no mundo exactamente por essa possibilidade, apesar de ter sido erradicada das Américas em 1971, e do mundo em 1977. (Dixon, 1962)

Tifo

Matou 3 milhões de pessoas entre 1918 e 1922. As condições precárias pós I Guerra mundial criaram um ambiente de miséria. Verificava-se uma gritante ausência de saneamento básico e verificava-se a presença de ratos por toda europa e em especial na Rússia.

Cólera

Essa doença que ainda não foi erradicada matou milhões de pessoas ao redor do mundo, entre 1817 e 1924, tendo se espalhado em todo o mundo. É de origem bacteriana que liberta uma toxina que provoca diarreia e desidratação. A OMS estima que essa Pandemia é a causa de morte de 100 a 200 mil pessoas no mundo.

Tuberculose

Doença considerada perigosa, acredita-se que mais de 1 mil milhões de pessoas tenha morrido desta doença desde 1852. Provocada pelo Bacilo de Koch, é considerada como controlada, graças à nova geração de medicamentos e da Penicilina, ainda afecta várias regiões do mundo. A tuberculose está presente na vida humana desde os primeiros tempos da História da Humanidade e é ainda causa de elevada mortalidade no mundo, tendo sido investigada em instituições de saúde como o Instituto de Higiene e Medicina Tropical com o objectivo do seu controlo e erradicação. A história da ciência e a investigação desenvolvida sobre as campanhas de combate à tuberculose deixaram testemunhos e

vestígios patrimoniais que se constituíram em colecções museológicas, agora apresentadas ao público através de uma exposição que procurou retratar a tuberculose através da arquitectura, da literatura, da arte e outros legados patrimoniais da saúde, no dia em que se assinalou o dia Mundial da Tuberculose no IHMT - 2017 (Amato 2010).

HIV

A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), é uma infecção viral que destrói progressivamente certos glóbulos brancos do sangue e pode provocar a síndrome da imunodeficiência adquirida. Desde 1980, acredita-se que 20 milhões de pessoas tenham morrido derivado às complicações provocadas pelo vírus. A pandemia, que hoje grassa, resulta da sobreposição de, pelo menos, duas epidemias diferentes, provocadas por dois germes distintos: HIV-1 e HIV-2. São parentes colaterais, pois as sequências de seus genomas são tais que um não pode ser descendente do outro. A epidemia causada pelo HIV-2 teria, com certeza, passado despercebida se a gravidade da primeira não tivesse aguçado o olho clínico dos médicos e orientado as pesquisas dos virologistas (Montagnier, 1994).

Semelhanças entre Covid-19 e outras pandemias

Mesmo com origens distintas, o que mais se assemelha entre os surtos pandémicos é o comportamento humano perante as enfermidades. Um primeiro ponto a se observar deve-se ao facto de temor da população às doenças ter ligação directa com os primeiros métodos de prevenção. Foi durante a Peste Negra que a cidade de Veneza adoptou o conceito de quarentena, herdado do Velho Testamento da Bíblia como tempo de isolamento para surtos de hanseníase na antiguidade. Entretanto, outra “herança” dos surtos de pandemia que se repete a cada novo caso não é justamente uma vantagem para a prevenção. Com medo e certa falta de conhecimento, as pessoas acabam se apegando a credence popular ou informações falsas para se prevenir.

Hoje, as recomendações de prevenção à Covid-19 têm foco total em isolamento social e em maiores cuidados higiénicos, primeiro passo quase universal para impedir a proliferação das enfermidades. Mesmo com suas diferenças biológicas, sociais, temporais e geográficas, as pandemias costumam resguardar alguns pontos em comum, como o caos social, mudanças de comportamento e disseminação de informações falsas. Olhando para trás, fica clara a necessidade de investir e valorizar cada vez mais as pesquisas científicas, os estudos e os profissionais da saúde. Afinal, mesmo com um histórico tão grande de pandemias, ainda temos muito o que avançar para impedir que esse tipo de fenómeno volte a assolar de forma terrivelmente fatal a humanidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da história, o homem foi sempre atacado por doenças mais ou menos mortíferas e que se espalharam pelo mundo. A análise da estatística das pandemias tem mostrado uma tendência da redução da mortalidade. A melhoria dos cuidados de saúde e do conhecimento sobre as pandemias, têm sido ferramentas poderosas para a mitigação do seu impacto. A atenção primária deve ser o ponto preferencial de atenção à população, tanto em relação a doenças endémicas quanto em situações epidémicas.

A capacidade de responder a essas demandas depende de planeamento e organização do serviço que, por sua vez, necessita de conhecimento acerca dos determinantes e condicionantes dos vários agravos, de sua forma de prevenção e dos aspectos mais relevantes da abordagem clínica. Esperamos que este módulo tenha contribuído para aprofundar seus conhecimentos em relação à nosologia prevalente em nosso meio, para que você possa se apropriar das particularidades do enfrentamento desses agravos que apresentam diferentes formas de transmissão.

No caso historiográfico, “a função política do contador de história – historiador ou novelista – é ensinar a aceitação das coisas tais como são” (Arendt, 1997, p. 323). Talvez isso signifique atestar para os não académicos a ideia de que a realidade é mais complexa do que aparenta, que o mundo não é intuitivo, que não há verdades absolutas, apenas provisórias, que nós não somos autoridades, que podemos nos enganar, mas que encontramos uma maneira satisfatória de interpretar e dominar a natureza e que podemos mudar os rumos da história.

Segundo o livro Viagens internacionais e Saúde da OMS, a protecção do indivíduo é dada por meio de vacinação prévia e obrigatória com base na avaliação de risco de exposição da doença em diferentes regiões do planeta onde é endémica. No caso da febre amarela, em que a vacinação é obrigatória, a justificativa é a de proteger o indivíduo do vírus e ao mesmo tempo evitar a disseminação em países vulneráveis à doença.

CONCLUSÕES

As doenças que representam risco epidémico cadastradas pela OMS geograficamente se concentram na Ásia, África, América Latina, excepto o sul da América do Sul, e, em casos pontuais, no leste europeu. Em caso de doenças pandémicas, como a raiva, o mapeamento demonstra baixa incidência nos Estados. Entretanto, o que se observa é uma extensa adopção de medidas de quarentena por profissionais não-médicos, ocupantes de cargos civis do Estado, sob a pressão da possível gravidade de uma epidemia. Nesse ponto, a Saúde Pública não deve se omitir nem se mostrar ambígua diante dessa questão nociva, coercitiva do complexo problema que é o enfrentamento e prevenção de epidemias. Em conclusão, são notórias as inconsistências de efectividade pública da quarentena humana e também dada a natureza comprovadamente nociva que essa medida traz aos quarentenados, principalmente se pensada na realidade dos países do Sul, em maior condição de vulnerabilidade comparada à estrutura presente nos países do Norte.

Essa medida, por despendar parcelas significativas de recursos em saúde, além de implicar outras situações de fronteira que perpassam principalmente por questões jurídicas e éticas, devem ser mais bem analisadas, ainda com carácter de urgência, por comité bioético, tendo em vista a complexidade das ações e suas consequências na vida dos indivíduos que sofrem a ação por meio de medidas como a prisão domiciliar, a internação compulsória, a proibição de entrada em territórios nacionais, e na colectividade, pelas relações mercantilistas da indústria farmacêutica impactantes nos escassos recursos de saúde despendidos para este fim.

Hoje, as recomendações de prevenção à Covid-19 têm foco total em isolamento social e em maiores cuidados higiénicos, primeiro passo quase universal para impedir a proliferação das enfermidades. Mesmo com suas diferenças biológicas, sociais, temporais e geográficas, as pandemias costumam resguardar alguns pontos em comum, como o caos social, mudanças de comportamento e disseminação de informações falsas. Olhando para trás, fica clara a necessidade de investir e valorizar cada vez mais as pesquisas científicas, os estudos e os profissionais da saúde. Afinal, mesmo com um histórico tão grande de pandemias, ainda temos muito por fazer para impedir que esse tipo de fenómeno volte a assolar de forma terrivelmente fatal a humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arendt, H. (2008). *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Andrade, M. & Helena, R. (1996). *História das Grandes Pandemias de Gripe*, Pathos 9 Out.
- Amato, L. (2010). *Centúrias de Curas Medicinais*. Lisboa: CELOM,
- Barata, R. C. B. (1987). *Epidemias*. Cad. Saúde Pública, vol.3, n.1, ISSN 1678-4464.
- Cartwright, F. F. (1991). *Disease and History*. New York, Dorse Press.
- Castiglioni, A. (1947). *História da Medicina*. São Paulo, Cia. Editora Nacional.
- Cetron, M. & Landwirth, J. (2005). *Public Health, and ethical considerations in planning for quarantine*. Yale J Biol Med.
- Dixon, C. W. (1962). *Smallpox*. London: Churchill.
- Foucault, M. (1977). *O Nascimento da Clínica* Rio de Janeiro Ed. Forense Universitaria.
- Gago, V. & Cavallero, L. (2020) *Dívida, moradia e trabalho: uma agenda feminista para o pós-pandemia*. Medium, Laboratório de Teorias e Práticas Feministas (PACC – UFRJ).
- Jewell W. (1985). *Historical Sketches of Quarantine*. 2nd ed. Philadelphia: T.K. and P.G. Collins.
- Montagnier, L. (1994). *Des virus et des hommes*. Paris, Odile Jacob.
- UJVARI, S. C. (2003). *A história e suas epidemias. A convivência do homem com os microrganismos*. Rio de Janeiro, Senac Rio; São Paulo, Senac São Paulo, 311p. ilus. ISBN 85-87864-30-0
- Toledo, J. (2006). *Pragas e Epidemias – História das doenças infecciosas*. Galeria de Livros, MG
- Tucídides. (1987). *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. Mário da Gama Cury. Brasília: UnB.

Zinsser, H. (1996). Rats, Lice and History. New York, Black Dog & Leventhal Publ,
Woodruff, P. T. (1993). On Justice, Power, and Human Nature.
Indianapolis/Cambridge: Hackett,

Síntese curricular dos autores

Catoco Sozinho, Universidade de Évora. Portugal d43688@alunos.uevora.pt